


 FAMÍLIAS NUMEROSAS

Espírito de equipa

Oito filhos não chegam para formar uma equipa de rãguebi, desporto favorito dos **Sarmento**, mas já fazem uma bela claque. O lema é apoiarem-se uns aos outros

Texto de **Filipa Moroso** Fotografias actuais de **Rodrigo César**

ZÉZÉ foi o último a ser coroado rei na casa da família Sarmento. Uma regra naquele lar de Vermoim, na Maia. «**Sempre que alguém faz anos é rei por um dia. Os outros são os seus súbditos, obedecem às suas ordens e cumprem os seus desejos**». Quem o diz é a mãe Teresa, enfermeira e professora de profissão. Com José Alexandre, médico gastroenterologista, tem oito filhos entre os 9 e os 26 anos. Zézé é o benjamim do clã. Teresa é a primogénita, uma jovem médica que, também

ela, já é mãe de duas meninas – Teresa, de dois anos, e Beatriz, de oito meses – e está grávida.

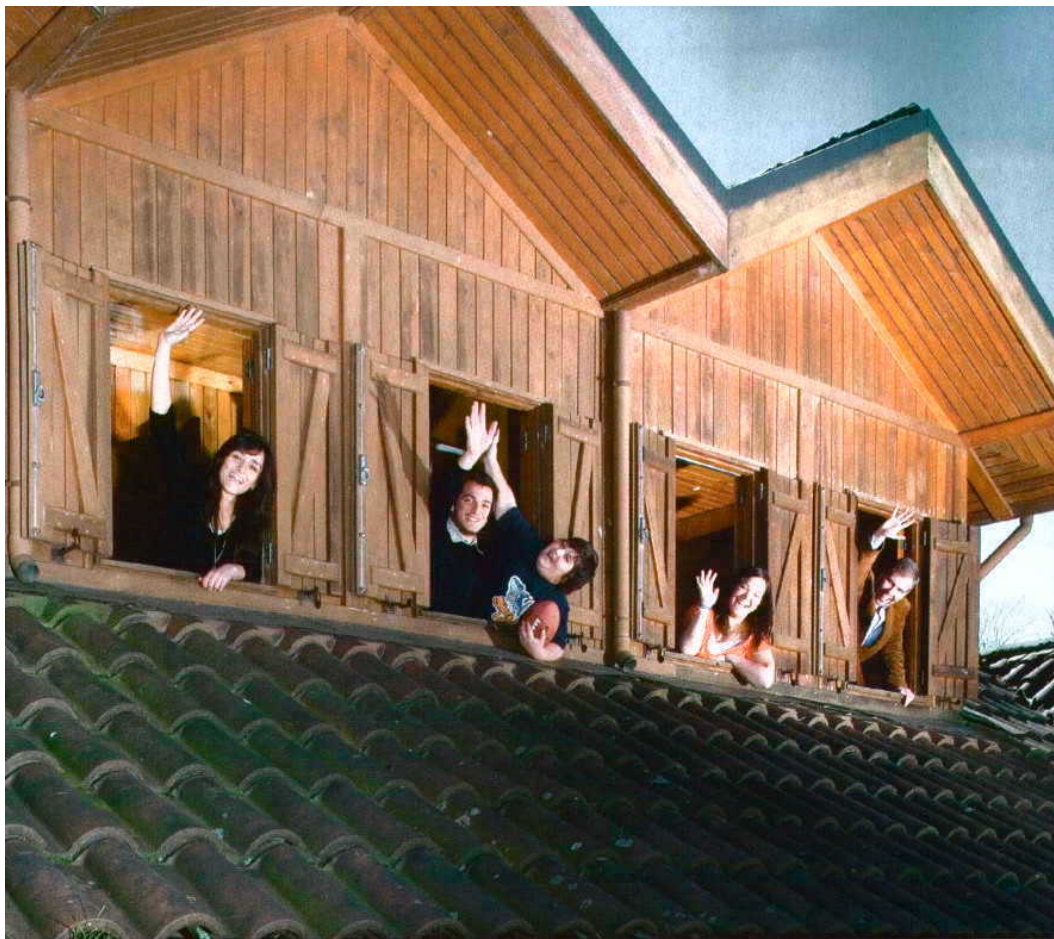
Monotonia, avisa o pai, é coisa que não existe na morada dos Sarmento, uma casa de madeira pré-fabricada na pacata freguesia da Maia. Quando não é a coroação do rei – há dez por ano –, é o rãguebi um dos grandes entretenimentos. É o desporto favorito da família, incutido pelo pai, ex-jogador da modalidade, e já fez um campeão: Alexandre, 17 anos, que joga no CDUP e na selecção na-

cional. Isabel, 16 anos, também lhe segue as pegadas. Exibe-se no quintal, sob o olhar atento da cadela Pipa.

Depois há os artistas. Nuno, 21 anos, tem o curso de restauro e escreve poemas. João, com 19, pinta e faz escultura. A mãe mostra uma delas, feita há largos anos, que o deixa envergonhado. É uma figura materna com crianças no regaço. Não é difícil adivinhar de onde veio a inspiração.

Há ainda o engenheiro António, 25 anos, o mais velho dos →





O retrato da família Sarmento na sua casa de madeira pré-fabricada em Vermoim, na Maia. Na página ao lado, a mãe Teresa com dois dos oito filhos: João, de 19 anos, que pinta e faz esculturas, e o benjamim Zézé. Alexandre, 17 anos, num jogo de râguebi, modalidade que pratica no CDUP e na selecção nacional



‘Sempre que alguém faz anos é rei por um dia. Os outros são os seus súbditos, que lhe obedecem’, diz a mãe



É raro haver uma refeição que agrade a todos. 'Mas aqui não existe livro de reclamações'

As três Teresas com Zézé. Em baixo, toda a família e o casamento dos pais, em 1979

rapazes, e a *designer* Mafalda, de 24, uma adepta das causas humanitárias, que acrescenta ao seu currículo o apoio às crianças vítimas da sida através de uma ONG (Organização Não Governamental).

Em casa, cada um dos irmãos tem um dia de trabalho por semana. «As tarefas diárias são irmãmente repartidas. Há sempre um deles que ajuda a fazer o jantar, põe a mesa, trata do lixo. É assim desde pequeninos», diz a mãe. Já tiveram algumas mulheres-a-dias «mas não houve nenhuma que resistisse muito tempo ao caos». A cozinha está assim entregue às mulheres da família que, apesar do esforço, é raro preparem uma ementa ao agrado de todos. «Quando são muitos é assim. Mas aqui não existe livro de reclamações», avisa Teresa.

A única reclamação é feita pelo pai, num raro momento que encontrou a casa vazia. «Já me aconteceu chegar a casa e ter de almoçar sozinho. Foi horrível». Ele, que por força da carga horária médica, só acompanhou de perto as exigências do mais novo. «Quando o Zézé

era bebé levei-o ao pediatra com a minha filha mais velha. Acharam que éramos casados e instalou-se o burburinho».

Já a mãe Teresa optou pela saúde escolar, que tem um horário fixo. Quando a filha mais nova tinha um ano, decidiu investir na carreira. Uma pós-graduação, seguida de um mestrado. «O Zézé nasceu durante o mestrado, mas os meus filhos achavam que eu nunca tinha trabalhado. Não davam pela minha ausência», ri-se.

Casados há 28 anos, Teresa e José incutem o espírito de entretajuda e companheirismo à sua prole. Animação também é coisa que não lhes falta. «Nas férias, em Trás-os-Montes, conquistávamos pinocos, até púnhamos bandeiras no cimo dos montes», recorda Mafalda. Uma vez, os pais esqueceram-se de um dos filhos, que ficou a olhar para a paisagem. Tinha cinco anos e foi recolhido por uns agricultores. Um deles brincou: «Então minha senhora, não sabe contar as ovelhinhas? Eu não perco nenhuma». 📌

